

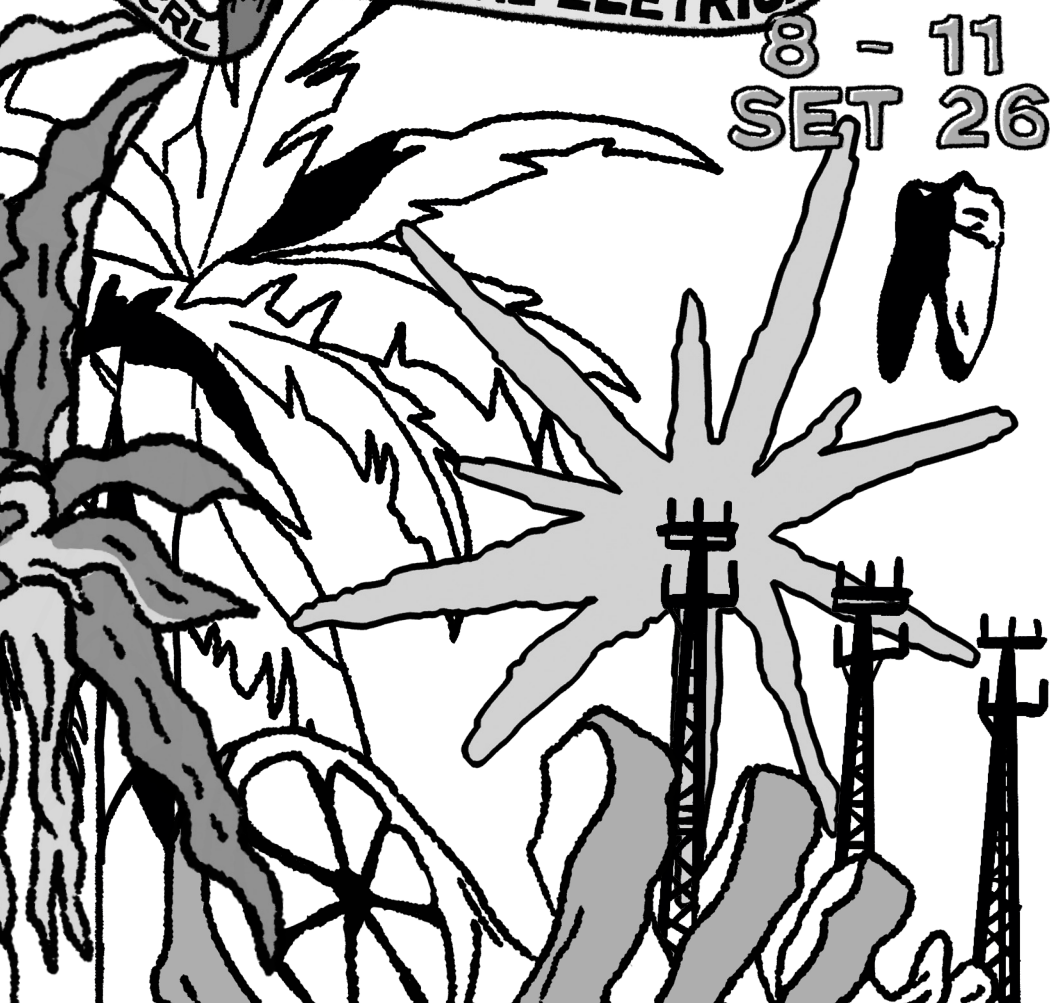
ENCONTRO INTERNACIONAL
DE ARTES PERFORMATIVAS

VOLT

26

ECRL
CENTRAL ELÉTRICA

8 - 11
SET 26



TROCA O PASSO



(TER)
08 SET
NAVE
19H30

João dos Santos Martins e Ana Rita Teodoro (PT)

DURAÇÃO: 55MIN

[ESPETÁCULO]

A expressão "troca o passo" usa-se para indicar a segunda parte de uma data sem um ano definido (...mil seiscentos e troca o passo). A expressão também pode ser utilizada literalmente e significar trocar de pé, para acertar ou desalinhar o passo com outra pessoa. Depois de *Trolaró*, *Troca o Passo* é o segundo dueto que Ana Rita Teodoro e João dos Santos Martins desenvolvem como pretexto para pesquisarem e se reciclarem enquanto artistas-bailarinas desprendidas da ideia de um projeto. Caminhar é o traço presente de uma história que já começou, o desabrochar e o desvanecer de uma forma em andamento. É possível avançar no passo mantendo uma relação com buracos negros da história? As curvas elípticas do mundo sugam-nos para registos arqueológicos. Avançamos e recuamos, acertamos o passo e estamos atrasados, corremos e estamos adiantados, paramos mas continuamos a ir. Um dueto a andar com o butô.

Ficha Artística

[Coreografia e performance] Ana Rita Teodoro e João dos Santos Martins [Luz, espaço e arranjos] Filipe Pereira [Figurino] Composição com peças usadas numa manhã de sexta-feira [Músicas inspiradas] Knee (1986) de Meredith Monk; toque goji no chaimu da aldeia de Saruhashi [Produção executiva e administração] Catalina Lescano, Francisca Salema e Maria Monteiro | Associação Parasita, Association Mimaï [Residências] Casa da Dança, Espaço Parasita, Forum Dança (Portugal), Hijikata-Nakanishi Memorial Saruhashi Soko (Japan) [Apoio] NPO Dance Archive Network, DGArtes Internationalisation Support Programme, Camões - Portuguese Cultural Centre in Tokyo [Produção] Associação Parasita [Agradecimentos] Toshio Mizohata, Connor Scott, Yumi Tateishi, Morishita Takashi, Takao Kawaguchi, Yui Baba, Casa da Dança, Dimitri Rey



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

MECHITA

Sol Garcia (PT)

(TER)

08 SET

BLACK BOX

21H30

DURAÇÃO: 50MIN

[ESPETÁCULO] [ANTE-ESTREIA]

Mechita é uma criação na qual cinco mulheres partilham um palco-espelho, convocando o corpo como arquivo vivo, território de memória e lugar de resistência. A partir de fragmentos de uma infância perdida, da liberdade, da voz e do feminino, a peça cruza experiências e memórias das intérpretes, explorando as marcas do abandono, do abuso e daquilo que permanece no corpo depois do que não pôde ser dito. Entre a singularidade de cada história e a construção de um corpo coral, *Mechita* procura os lugares onde a memória se transforma, onde a voz reaparece e onde ser menina e ser mulher se encontram. Uma celebração poética da transformação, da liberdade e da beleza efémera do viver.

Ficha Artística

[Criação] Sol Garcia [Cocriação e interpretação] Sol Garcia, Thalia Agapaki, Mega Boss, Inês Luzio, Beatriz Rola [Apoio à investigação, cenografia e universo estético da peça] Cheila Garcia [Apoio à dramaturgia] Cristina Planas Leitão [Olhar externo] Daniela Cruz [Composição musical] Beatriz Rola, Inês Luzio [Desenho e operação de som] Isabel Martinez e Sara Machado [Desenho de luz] Cárin Geada [Figurinos] Cacá Otto Reus [Produção executiva] Teresa Camarinha [Gestão administrativa e assessoria de imprensa] Coleção B [Apoio à residência] Sekoia Artists' Shelter 2025 e 2026, Companhia Erva Daninha, CAMPUS Paulo Cunha e Silva, Estúdios Victor Cordon, PAZ - Performance Arts Zone, Associação Recreativa e Cultural de Serzedo [Coprodução] Teatro Municipal de Vila Real, Instável Centro Coreográfico, Teatro Municipal do Porto [Apoio à criação] Fundação GDA, Nome Próprio (Incubadora - Criar em Nome Próprio), Ccdr- Norte pontual [Agradecimentos] Tiago Amorim, Alice Amorim, Laura Amorim, Mário Garcia, Bárbara Silva, Miriam Garcia, Mercedes Quijada

MANGUE VERMELHO

Mayara Baptista (BR)

(QUA)
09 SET
PRETA
19H30

DURAÇÃO: 50MIN

[MOSTRA DE PROCESSO]

Mangue Vermelho é uma pesquisa performativa de Mayara Baptista (e.t), artiste.t afro-indígene.t brasileiro.t, que investiga ancestralidade, território e memória a partir de uma escuta sensível das relações entre corpo e natureza. A obra propõe um encontro entre cosmologias afro-diaspóricas e indígenas, entendendo o humano como parte de uma rede viva e interligada de existências, onde matéria, espírito e ambiente não se separam. O manguezal e Ninki Nanka estruturam o campo poético da pesquisa: o manguezal como espaço de mistura, instabilidade e convivência entre diferentes mundos; Ninki Nanka como presença mítica que evoca o invisível, o indomável e as forças que atravessam a natureza. Essas imagens ativam uma reflexão sobre transformação, continuidade e os modos de vida que resistem ao apagamento. A obra atravessa música, teatro e dança como linguagens inseparáveis, em diálogo com referências das danças indígenas brasileiras e dos saberes corporais do candomblé. *Mangue Vermelho* cria um espaço de experiência onde corpo e território se confundem, abrindo um campo sensível de escuta, presença e relação com o que nos atravessa.

Ficha Artística

[Criação, dramaturgia, designer de luz e som] Mayara Baptista [Apoio] Linha de Fuga / Residências Contra[o]Tempo e Cena Lusófona [Residência de criação] CRL - Central Elétrica



PETORCA

Camil Navarro (CL)

(QUA)

09 SET

JANELAS

20H30

DURAÇÃO: 50MIN

[MOSTRA DE PROCESSO]

Na província de Petorca, as comunidades abordam atualmente a paisagem numa perspectiva mítica, uma vez que a degradação dos solos levou à extinção de ecossistemas. Ninguém testemunhou o regresso efetivo das águas ao rio que, embora seco, continua a constituir uma memória coletiva daqueles que nasceram, chegaram e ficaram no território. O artista Camil Navarro invoca Limca, o espírito da água, para dar início a um ritual sonoro que traz à perceção as diferentes fontes hídricas da região, que se deixam ouvir vagamente no meio do silêncio e do solo erodido, através de sons que transgridem, expandem e subvertem a voz humana.

Ficha Artística

[Conceito e performance] Camil Navarro [Assistência técnica] Matías Segura
[Residência de criação] CRL - Central Elétrica



WE MIGHT AS WELL TALK

João Cardoso (PT) com Bharath Yadav (IN)

(QUA)
09 SET
AUDITÓRIO
22H00

DURAÇÃO: 55MIN

[MOSTRA DE PROCESSO]

Um corpo racializado que nunca toca o chão durante toda a duração da performance. Outro corpo que se torna chão do primeiro. *We might as well talk* parte de uma pesquisa sobre o toque, através de uma posição forçada/imposta a dois corpos: um em cima de outro, que nunca se inverte, na qual se vêm obrigados a comunicar e cooperar para um fim comum. Um cruzamento interdisciplinar entre o teatro e a dança, entre a palavra e as técnicas de contacto improvisação, entre a voz e o corpo. Um dueto que se questiona sobre as relações possíveis quando dois corpos são colocados nesta situação de extrema dependência e uma procura dos limites máximos físicos e mentais que conseguimos alcançar.

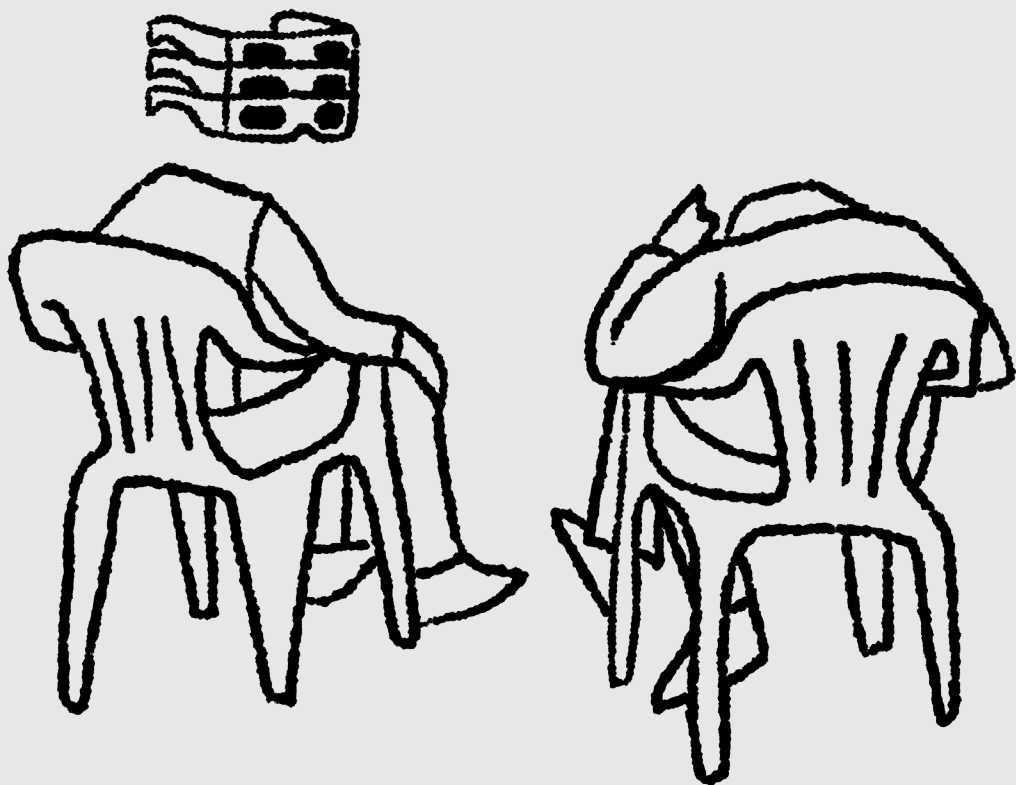
Ficha Artística

[Direção artística e conceção] João Cardoso [Criação e interpretação] João Cardoso e Bharath Yadav [Figurinos] João Cardoso e Bharath Yadav [Sonoplastia] João Cardoso [Desenho de luz] João Cardoso [Apoio à escrita] Natacha Campos [Direção de produção e olhar externo] Ricardo Machado (Outro Vento) [Residências Artísticas] CAMPUS e CRL - Central Elétrica [Co-produção] CRL - Central Elétrica, Pétala Colateral e CAMPUS [Estrutura de apoio na Índia] Beru art and cultural foundation [Agradecimentos e Olhares Externos] Surendra Tekale, Juliana Marques Fernandes e Cláudia Galhós



CONVERSA SOBRE OS PROJETOS

(QUA)
09 SET
AUDITORIO
22H45



VOU LEVANTAR-ME E MORDER UM FIGO

(QUI)
10 SET
BRANCA
19H30

Ana de Oliveira e Silva e Dinis Duarte (PT)

DURAÇÃO: 45MIN

[MOSTRA DE PROCESSO]

Este sistema rege-se pelas seguintes normas:

- Altruísmo é lei biológica.
- É obrigatório manter o fluxo contínuo.
- Não são permitidos ambição nem desejo.
- Manter impreterivelmente a calma. O stress prejudica o colectivo.
- Em caso de dúvida: repetir.

Ficha Artística

[Direção artística, criação e interpretação] Ana de Oliveira e Silva e Dinis Duarte [Assistência à criação] Maria Abrantes [Olhar externo] Daniela Cruz [Apoio à criação] Nome Próprio (Incubadora - Criar em Nome Próprio) e CCDR Norte [Apoio à circulação] Fundação GDA

NOME PRÓPRIO

CCDR
NORTE
Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região do Norte, I.P.



THE SECOND COPY: 2045

Youness Atbane (MA)

(QUI)
10 SET
BLACK BOX
21H00

DURAÇÃO: 45MIN

[ESPETÁCULO]

Qual é a situação atual do mundo da arte contemporânea? E de que forma isso influencia as obras de arte que estão a ser criadas? *The second copy: 2045* é uma performance conceptual que apresenta um documentário ambientado no ano de 2045, quando os conflitos políticos transformaram o mundo a tal ponto que apenas restam memórias da arte. O artista faz uma retrospectiva da dinâmica da arte marroquina contemporânea entre 2000 e 2015 e transporta o público para um espaço ambíguo entre o realismo e a ficção. Nesta performance, entramos no mundo do objeto. A linguagem, os movimentos e as imagens já não se regem por um sistema lógico, mas são capazes de se trocar e interagir. O objetivo é construir um novo ambiente aberto à experimentação.

Ficha Artística

[Conceito e performance] Youness Atbane [Assistência] Zouheir Atbane / Rachid Latouri



ORBITAL GESTURE

Raul Maia (PT)

(QUI)
10 SET
NAVE
22H30

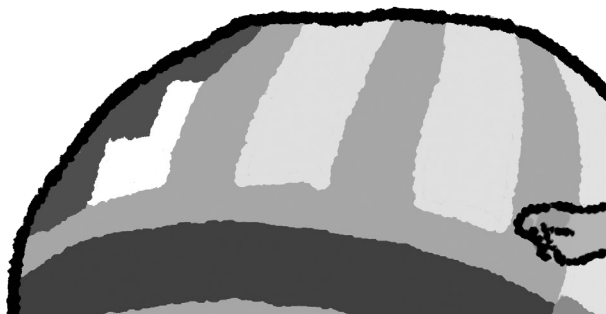
DURAÇÃO: 50MIN

[ESPETÁCULO]

Orbital gesture propõe a “migração” do skate da rua para o palco. Partimos da apropriação performativa do skate como instrumento de diálogo com o outro, o que nos coloca no centro duma experiência abstrata e subjetiva alimentada pelo motor da repetição. Através do skate, não só redefinimos a nossa forma de locomoção, mas também a nossa condição anatómica, o nosso gesto, o nosso olhar e relação com o outro. O skate torna-se o elemento de mediação com tudo o que nos rodeia. As órbitas traçadas entre os dois corpos tecem um caleidoscópio experiencial onde o gesto que os projecta para o espaço é o mesmo que permite o diálogo entre eles. Os condicionamentos objetivos da ativação do skate são eles próprios a matéria prima para a subjectividade dos gestos. A versão apresentada será uma recriação da obra original pensada para o espaço da Central Elétrica.

Ficha Artística

[Direção artística] Raul Maia [Criação e interpretação] João Vladimiro e Raul Maia [Desenho de luz] Cárin Geada [Sonora] Raul Maia [Desenho de som] José Arantes [Apoios] Fundação Calouste Gulbenkian, Festival Circular, CRL - Central Elétrica, Companhia Instável, Campus Paulo Cunha e Silva.



SE OS MEUS OLHOS ME AFOGASSEM

(SEX)
11 SET
FERRO
19H30

Bárbara Fonte (PT)

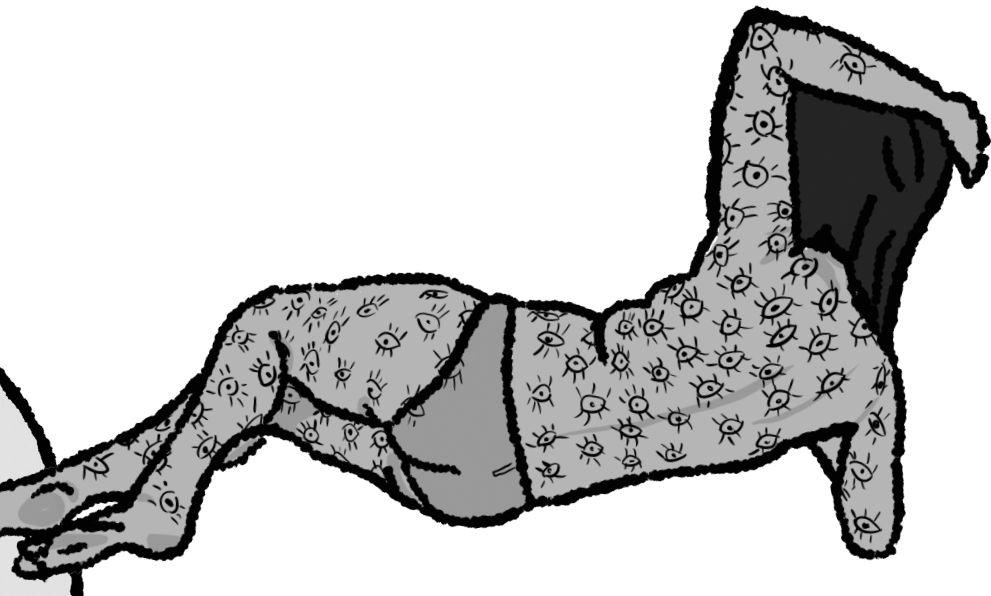
DURAÇÃO: 30MIN

[PERFORMANCE]

Quando já não existe salvação, o corpo tenta fabricá-la. Talvez seja essa a condição que sustenta esta performance. Não a procura de uma redenção ou de um alívio, mas a necessidade de construir, através do próprio corpo, uma possibilidade de fuga. A ação nasce desse desamparo. O público entra na Sala Ferro quando a performance já se encontra em curso. No interior da banheira, uma figura permanece dobrada sobre si própria, chorando continuamente. Quando a banheira fica completamente cheia, a figura interrompe o choro e mergulha repetidamente na água, procurando permanecer o máximo de tempo possível debaixo da superfície antes de voltar a respirar.

Ficha Artística

[Conceito e performance] Bárbara Fonte [Assistência] António Machado



TERRA COBRE

João Pais Filipe e Marco da Silva Ferreira (PT)

(SEX)
11 SET
NAVE
20H30

DURAÇÃO: 50MIN

[ESPETÁCULO]

Originária da vila de Alcáçovas, Alentejo, esta obra cruza a arte chocalheira tradicional com práticas artísticas contemporâneas, ancoradas na percussão e na dança. Os chocalhos foram declarados como Necessidade de Salvaguarda Urgente pela UNESCO em 2015 e em *Terra cobre* os artistas desafiam a iconografia e simbologia tradicional portuguesa para a colocar num patamar exploratório e sensorial. A obra consiste numa instalação escultórica e sonora, visitável em um espaço determinado, e uma performance de 50 minutos, ocorrendo na inauguração ou encerramento da exposição. A instalação serve como cenário para a performance, contribuindo para a atmosfera e narrativa performativa. João e Marco exploram conceitos de identidade, cultura e sociedade, reinterpretando heranças culturais ancestrais e desafiando convenções estabelecidas. Utilizam os materiais dos chocalhos para criar uma composição escultórica, sonora e física, retratando uma paisagem repleta de memórias, onde pastores e bestas se encontram.

Ficha Artística

[Criação e interpretação] João Pais Filipe e Marco da Silva Ferreira [Som] Rafael Maia [Produção executiva] Ana Ademar, Hugo Alves Caroça, Mafalda Bastos [Encomenda e produção] BoCA - Biennial of Contemporary Arts e Pensamento Avulso [Co-produção] Futurama, Pensamento Avulso [Residência artística] O Espaço do Tempo [Apoio] Fábrica de Chocalhos Pardalinho



O RARO É QUE BAILAR SEXA RARO

(SEX)
11 SET
BLACK BOX
22H30

Andrea Quintana / VACAburra (ES)

DURAÇÃO: 50MIN

[ESPETÁCULO]

Esta criação encara a dança como algo contagiante e convida a dançar num espaço onde todos os corpos são possíveis. Dançar é perigoso, ameaça o sistema, complica a situação. A dança incomoda, afeta, desorienta e complexifica os modos de estar hegemónicos. A dança, contagiante e invasiva, desestabiliza as lógicas da palavra, ameaça a linguagem normativa. Dançar pode ser uma epidemia. Esta é uma peça autobiográfica sem biografia, um trompe-l'œil, uma coreografia emaranhada, um engano narrativo: coreo-biografia-pirata. Trata-se de dançar enquanto se dança. Esta bailarina não tem truques de magia preparados. O seu material coreográfico é vasto e, por vezes, incompreensível; falha nas piruetas com a perna esquerda. Esta bailarina nunca quis ser a Giselle. Com todas nós: um corpo em rebelião, atravessado, revoltado; a bailarina não normativa, a bailarina faquir, a taumaturga, a subalterna.

Ficha Artística

[Criação] Andrea Quintana [Coreografia e interpretação] Andrea Quintana [Direção e dramaturgia] Gena Baamonde + Andrea Quintana [Textos] VACAburra, inspirados em Joanna Russ e Linn-Liniker [Iluminação] Baltasar Patiño [Espaço sonoro] Davide González + Andrea Quintana [Imagem] Muller 6 Ollos [Figurinos] Saturna [Com o apoio de Residência de criação] Residencias Paraíso do Coletivo RPM, CDG Salón Teatro. Residência de criação em A Normal, espaço de intervenção cultural. Apoios a Artistas da Câmara Municipal da Corunha e Galicia Danza Contemporánea.



HHY & THE KAMPALA UNIT

(SEX)
11 SET
AUDITÓRIO
23H30

(PT/UG)

DURAÇÃO: 50MIN

[CONCERTO]

HHY & The Kampala Unit exploram as mutações da intensidade rítmica e da profundidade sonora, onde o funk, o techno, o dub, os metais marciais e a percussão extática se contrapõem a um pano de fundo de sequências cinematográficas inquietantes. Fundado por Jonathan Uliel Saldanha (dos HHY & The Macumbas) e pela vigorosa trompetista Florence Nandawula, este grupo mutável inclui uma vasta família de colaboradores, como o percussionista Sekelembale (Fulu Muziki) e a dançarina/artista Exoce, surgidos do caldeirão cultural da Nyege Nyege. Hipnotizante, contagiante e cru.

Ficha Artística

[Eletrónica] Jonathan Uliel [Trompete] Florence Nandawula



OS DOCE

João Doce e Luana Doce (PT)

(SEX)

11 SET

AUDITÓRIO

00H30

DURAÇÃO: 90MIN

[DJ SET]

Nos anos 80, as Doce puseram Portugal a cantar. Agora, *Os doce* põem-no a dançar. João Doce, músico de longa data, e a filha Luana partilham o apelido, a cabine e o vício de misturar mundos: rock'n'roll, hip hop, afro e música urbana. Uma dupla de família, com sets que não escolhem gerações.

Ficha Artística

João Doce e Luana Doce



O TECTO

Atelier Caldeiras (PT)

(TER-SEX)

8 - 11 SET

ATELIER CALDEIRAS

19h30 - 23h00

[EXPOSIÇÃO]

O tecto

Aquilo que nunca cai.

Construído, em ruína, colapsado. Um tecto em 3 fases.

As três vidas de um tecto.

O tecto acima do tecto.

A fragilidade do elemento mais básico de um abrigo humano recorda-nos imediatamente o ambiente natural onde vivemos. O progresso tecnológico artificial contradiz a evolução humana ambiental ao longo de milhões de anos. O céu significava algo para nós. Na sua leveza e calor que exigiam o nosso descanso. Na sua escuridão misteriosa que dava origem à imaginação. Nas nuvens de água que nos davam matéria para crescer. Um tecto é o novo céu fora da natureza. Um tecto com fugas é a evolução ambiental. Cada gota que se infiltra é como uma estrela nas infinitas constelações. Se nos rendermos à fragilidade, se fizermos do céu o tecto, podemos novamente imaginar um abrigo melhor. Propomos remover figurativa e metaforicamente o tecto de um espaço. As obras voltarão a ligar o chão de betão e as nuvens de vapor num frenesim construtivo.

Ficha Artística

[Artistas] Rodrigo Queirós, Ivana Sehic, João Baptista, Inês Coelho, Noam Friedman

EQUIPA

[Direção artística]

CRL - Central Elétrica]

André Braga & Cláudia Figueiredo

[Direção produção]

CRL - Central Elétrica]

Ana Carvalhosa

[Coordenação de produção]

Cláudia Santos

[Apoio à produção]

Joana Mesquita Alves

[Coordenação técnica e montagem]

Felipe Silva

[Apoio administrativo]

João Gravato

[Comunicação]

Joana Borges

[Design]

Thiago Liberdade

[Fotografia]

Inês Costa

[Refeições]

Odair Monteiro

[Bar]

Ana Martins

[Apoio técnico]

Dário Pais e Pedro Coutinho

LOCAL

Rua do Freixo, 1071 – 4300-219 Porto

[Transportes] Metro – Campanhã;

STCP — 205, 400, 403 e ZC

(paragem EDP)

INFOS

geral@circolando.com

M/16 | Entrada livre mediante lotação
do espaço

AGRADECIMENTOS

◦ TNSJ

◦ TEP

◦ 23 Milhas/Ílhavo Câmara Municipal

◦ Teatro da Palmilha Dentada

◦ Noitarder Associação Cultural

◦ Associação Branco Negro
Vitória e Campanhã

◦ Lipor

26 VOLTS - Encontro Internacional de Artes Performativas



Realização:

CRL CENTRAL
ELETRICA

Financiamento:



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Agradecimentos:



mortale



TEP Teatro
Experimental
do Porto

lipor

Apoio:



Porto.